

AS OPÇÕES METODOLÓGICAS

Alex Rosenfeld

Centro de Estudos, Comunicação e
Educação "Sur" (Chile)

Daniel Cohen

Universidade Nacional de Córdoba
(Argentina)

Juan Francisco Solano

Universidade Central do Equador

Vicente Brunetti

Universidade Católica de Assunção
(Paraguai)

J. B. Pinho

IAC — PUCCAMP

A partir de material e sob a orientação do Dr. Eduardo Contreras Budge, um dos professores responsáveis pelo Curso de Especialização em "Projetos de Comunicação: pesquisa e planejamento", promovido pelo CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina) em Quito, Equador, no período de 18 de setembro a 21 de outubro de 1983, os autores, participantes do Curso, elaboraram o presente trabalho, que discute a questão das opções metodológicas em pesquisa e ainda apresenta uma proposta de critérios para a definição de opções epistemológicas e metodológicas na pesquisa em comunicação.

CRITÉRIOS EPISTEMOLÓGICOS E NORMATIVOS PARA SELEÇÃO DE OPÇÕES METODOLÓGICAS

1. Primeiro nível: Critérios epistemológicos-metodológicos

Para situar o problema metodológico na pesquisa, é necessário desenvolver — ainda que brevemente — algumas considerações

epistemológicas. Nesta linha, a metodologia é considerada como “ramo” da epistemologia, especializada e dirigida ao estudo dos processos e procedimentos da investigação.

A utilidade da reflexão epistemológica está em que nos permite alcançar um uso consciente de métodos e técnicas; ou seja, que nos possibilita fundamentar nossas opções concretas no terreno cotidiano de nossa tarefa como pesquisadores.

Neste primeiro nível, então, uma postura epistemológico-metodológica deve derivar em parâmetros orientadores nos termos de opções sobre enfoques que desejaríamos privilegiar. Este nível de discussão implica a necessidade de que cada um, de acordo com suas predileções e necessidades investigativas, opte conscientemente por privilegiar certas formas de abordar a realidade e derive, em consequência, as metodologias e técnicas apropriadas. Trata-se, em definitivo, de evitar o salto abrupto e não justificado entre a discussão epistemológica abstrata e a posterior utilização indiscriminada de algumas técnicas e procedimentos, sem que exista a mediação de uma metodologia de aproximação progressiva e coerente ao fenômeno social estudado.

Normalmente as discussões e delimitações epistemológicas se realizam em torno a linhas ou “escolas” (algumas delas teóricas) de pesquisa em comunicação. Cada escola implica necessariamente determinada visão ou tomada de posição epistemológica, ainda que numerosos pesquisadores não o vejam desta maneira. Não nos aprofundaremos nesta discussão, como tampouco na classificação e definição das diferentes escolas; só mencionaremos por agora que, na medida em que cada pesquisador está convencido de que seu ponto de vista teórico é superior, implícita ou explicitamente está reconhecendo sua vinculação a determinada opção epistemológica-metodológica, de acordo com sua visão da ciência e da sociedade.

Tomando em conta estes antecedentes, estabeleceremos alguns critérios básicos para enfrentar o problema das opções epistemológico-metodológicas na pesquisa em comunicação.

Primeiro critério – Desde o momento em que realizamos a análise das opções epistemológico-metodológicas implícitas ou explícitas na pesquisa em comunicação, estamos optando e elegendo uma delas. Isto significa que estamos contaminando a análise de uma visão determinada com respeito aos enfoques e critérios metodológicos que se devem seguir no processo da pesquisa.

Neste sentido, preferimos explicitar nossa visão mencionando que nos sentimos parte da escola crítica, a qual estabelece que uma Teoria da Comunicação é impossível sem se ter uma teoria da sociedade. Isto não invalida a necessidade fundamental

de observar ou de utilizar diversas técnicas de acordo com o problema e ao contexto a investigar.

Portanto, não há propriamente “uma” escola latino-americana de pesquisa em comunicação, mas sim várias, entre as quais existem importantes diferenças quanto a enfoques teóricos e no que diz respeito a opções metodológicas e utilização de técnicas.

Segundo critério – A preocupação pela metodologia não só está dada pelos supostos epistemológicos que ela nos traz “de contrabando”, senão também porque ela define o estudo dos procedimentos (caminhos) para apreender o objeto de estudo; controla os processos da pesquisa: as técnicas e a obtenção de dados. Assim, as opções metodológicas concretas (formas de acercar-se ao objeto de estudo), se ocorrem, são em função de uma prática de pesquisa. Esta é a determinante, a metodologia é somente um instrumento para o que fazer da investigação.

Um desvio possível é tender a transformar a metodologia em um fim em si mesma. Para Pedro Demo, “assim como cremos que a falta de preocupação metodológica é uma garantia de mediocridade da pesquisa, assim também cremos que o afogamento metodológico elimina o pesquisador”.

Terceiro critério – A metodologia consiste em pontos de vista (opção, seleção e eliminação) que devem estar de acordo com o objeto de estudo. Deste ponto de vista, os métodos não são simples instrumentos, são cristalizações de enunciados teóricos que permitirão ou não revelar os aspectos e relações fundamentais no objeto estudado. O pior que pode ocorrer é que os métodos estejam superdimensionados ou subdimensionados em relação ao objeto de estudo.

A congruência que deve existir entre o objeto e o método é essencial para o processo de pesquisa. As opções devem realizar-se, então, dentro de certos parâmetros (teorias) gerais, em função de projetos concretos de pesquisa.

Quarto critério – Sendo a metodologia um instrumento de produção do conhecimento concreto, o saber-fazer (know-how) metodológico determina os tipos e qualidade dos produtos da atividade de pesquisa, ou seja, dos resultados. Nesta determinação, e como havíamos enunciado, há uma figuração prévia dos usos possíveis. As formas de obtenção e processamento da pesquisa social influenciam os resultados alcançáveis de maneira relativamente independente dos valores ou declarações de intenção dos pesquisadores. Planejar ou realizar uma pesquisa crítica ou “progressista” não é só questão da seleção do tema: o conhecimento e domínio metodológico são críticos.

Quinto critério – Na medida em que a comunicação é uma disciplina que não se reduz em um nível de análise, já que persegue seu

objeto (o comunicacional) verticalmente, através de varios níveis, indicamos a possibilidade de uma multiplicidade de métodos na análise comunicacional, de acordo com um critério de factibilidade, que se julga e se resolve por parâmetros do contexto em que se atua.

2. Segundo nível: critérios operacionais para opções metodológicas

2.1. Aclarações prévias à opção metodológica

A resolução dos problemas epistemológicos em relação direta à opção por uma determinada opção metodológica específica, em primeira instância parece depender da clareza epistemológica que possui o pesquisador. A maior clareza epistemológica, dentro de uma formação profunda e exaustiva, fará o pesquisador sentir menor angústia para a apropriada opção de métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa. Porém, numa situação inversa, vemos que uma formação intensiva produz maior preocupação epistemológica, já que as soluções para a área da discussão no cenário da rede teórico-epistemológico-metodológica não são únicas, nem perenes, nem suficientes. Isto conduz, inevitavelmente, à aparição de uma constante dúvida no momento em que é preciso traduzir uma cosmovisão a partir de um instrumental propício, efetivo e determinado, que se resolva em uma pesquisa apropriada.

Porém o problema se torna mais agudo quando a preocupação e/ou angústia assinaladas entorpecem ou dificultam o empreendimento da pesquisa pelo único fato de que predeterminam a aplicação de um instrumental científico com todas suas vantagens e desvantagens.

Devemos assumir, pois, que a prática do pesquisador é, antes de mais nada, uma opção específica e, como tal, não só é criticável, mas também superável.

Como não é possível fazer tudo mediante uma só prática de pesquisa, devemos dosar habilmente dois conceitos que facilmente se deixam de lado:

a) **A contaminação** que se sucederá quando se abandonam os marcos teóricos, e,

b) **A onipotência** que parece acompanhar certas metodologias apresentadas como a solução mágica que não só descreveriam o problema mas também o solucionariam para sempre.

Aqui convém fazer referência à artificialidade, mediante a qual se pretende a existência de dois planos "muito diferentes", na qual certa literatura e alguns cursos de metodologia inserem, por um lado, a preocupação epistemológica, e por outro, a opção e o uso de métodos e técnicas concretos. A única coisa que se consegue com tal divisão é a absoluta desvinculação entre ambos.

2.2. Problemas e causas gerais que incidem sobre a opção metodológica.

É evidente que todo tipo de preferências pessoais, de formação metodológica recebida ou conscientemente apropriada, irão incidir no momento da opção. É certo também que o tipo de reprodução institucional, e no cenário de alguns grupos de pesquisadores, de certas metodologias excluindo as demais, geram uma espécie de legitimação convertendo essas metodologias privilegiadas **na metodologia** confundindo agora um específico saber-fazer, com o **saber-fazer metodológico**. Neste ponto, não se deve descuidar de uma muito útil ponderação, necessária no momento de especificar a importância relativa de todo método em função do uso concreto. Isto desemboca na necessidade de estabelecer a diferença existente entre metodologias disponíveis, conhecidas e efetivamente utilizadas.

Acrescentemos agora a limitação de todo método, técnica ou instrumento, por si mesmos, que não podem ser considerados nem perfeitos nem inúteis totalmente. Se buscamos esta limitação adequada para o caso das metodologias, devemos prosseguir pelo grau de pertinência que possuem para enfrentar determinado problema de comunicação.

Resumindo estes aspectos, o conceito da relatividade metodológica permite assumir o pacote de vantagens e desvantagens deles, e situá-los corretamente em seu lugar: o problema de comunicação, suas situações específicas, é e são os elementos causais da opção metodológica.

2.3. Critérios que conduzem à tomada de opções metodológicas

Exporemos um critério fundamental (e seus requisitos), alguns fatores adicionais apresentados como critérios mais operativos, e uma série final de critérios considerados úteis.

Um critério fundamental: a origem é o problema da investigação

O problema é que instaura a especificidade e a adequação do método e não o inverso. Portanto, tudo aquilo que ajude a precisão do problema ajudará também a dotar de maior flexibilidade o momento da opção e uso metodológico. Por isso, devemos saber qual é a essência do problema, porque deve ser estudado, que causas determinam que seja um problema, que resultados estão em nossa expectativa, que produtos e com que eficácia poderão ser lançados contra o problema uma vez que o tenhamos pesquisado, e, sobretudo, terá o trabalho propósito educativos — e quais, — durante o próprio processo da pesquisa ?

O passo seguinte, e no qual já cabem com toda intensidade as fases de participação, diz respeito a uma série de decomposições do problema em partes relevantes do conjunto, com o objetivo de detectar aqueles elementos críticos e aqueles acidentais, com enorme dose de elasticidade, já que se trata em geral do desenvolvimento de um critério externo ao investigador, posto em alto grau de dependência com a tradução que realizem os participantes do problema, e com a visão dos demais pesquisadores. Daqui sairá com precisão que informações são necessárias para abordar o problema, e aquelas que realmente serão parte da pesquisa, assim como quais as que já temos domínio e quais entram “nos vazios críticos de informação”.

O último ponto deste critério fundamental diz respeito ao grau de resolução do problema. Nenhum método é milagroso, e não poderá reparar nada que lhe seja impróprio. Não é possível pretender do método que solucione problemas da pesquisa que superam as limitações próprias do pesquisador. Ou seja, a nível de recursos, capacidade, meios e viabilidade. Isto exige uma postura autocrítica e realista do pesquisador.

Fatores adicionais como critérios mais operativos

Repertório variado de metodologia, técnicas, instrumentos e procedimentos: para tornar óbvias as restrições que aparecem comumente na realidade, tem que se insistir precisamente no conhecimento necessário de um repertório mínimo que enriqueça o momento da tomada de decisão.

Formação e atualização profissional: neste ponto incidirá não somente a educação sistematizada que recebeu o pesquisador, mas também a negociação que estabeleça com os novos elementos e técnicas que surjam, e a apropriação ou indiferença com que as maneje.

Os contextos: aqui temos que considerar o investigador inserido em um tecido social, e portanto os elementos que fazem seu contorno: condicionantes ideológicos, políticos, tendências da comunidade científica da qual faz parte e outras, que pesam sobre a opção metodológica, já que no final a pesquisa afetará a uns e/ou servirá a outros.

Destinatários, usuários e audiências: que tenham ou terão as pesquisas. Sobretudo quando se trata de uma pesquisa que produzirá um efeito posterior a seu desenvolvimento, é lógico que incidirá na susceptibilidade daquele que participa no problema qualquer decisão que se tome em relação à possível solução do mesmo. Assim se pode obter fervorosos colaboradores ou barreiras e obstáculos para a execução do trabalho.

Recursos: Tudo o que está relacionado a recursos (pessoal ou de grupo, fatores materiais e financeiros etc.), determina a opção

metodológica, dado que existem determinadas disponibilidade financeiras – por exemplo – e não outras, que habilitam ou impedem, segundo o caso, a aplicabilidade de uma técnica em detrimento de outras. Aqui não podemos também evitar de nos referirmos ao recurso TEMPO, no sentido de que algumas metodologias exigem um tempo que pode ou não ser adequado a nosso caso, posto que o tempo inclui a preparação propriamente dita, a aplicação e processamento dos dados, entre os mais significativos.

Precisão e densidade requeridas: tem a ver com o grau de exatidão real ou precisão pertinente à pesquisa, e a aceitar em conseqüência toda a complexidade de um instrumental científico quando este realmente se faz necessário.

Participação: quando se quer realizar pesquisa aplicada com elementos participativos, é bom resgatar aquelas metodologias que possibilitem, permitam ou ajudem à participação operativa.

Modéstia: é como o Dr. Eduardo Contreras Budge denomina o último elemento. Entendemos como o grau de abertura necessário para internalizar o fato de que uma pesquisa deve ser, por exemplo, para o caso da busca de uma transformação social, um elemento que dinamize a transformação, e não a transformação em si mesma. Quer dizer, inserir a prática de pesquisa na sua condição exata de agente e não de fim dos processos.

Crítérios operativos adicionais. Conclusões

Aqui insistiremos na familiarização necessária que deve possuir o investigador em relação àquela metodologia que fará uso. Além disso, a presença clara e definida de qual é a informação realmente requerida, qual a marginal, qual a desejável, todas em função ao uso que o pacote de informações oferecerá como solução ao problema dado. A democratização do processo de pesquisa dependerá da inclusão de elementos participativos, que permitam o desenvolvimento de uma pesquisa aberta à própria experiência prática como aprendizagem, sem solução de continuidade.

É necessário também pensar no que poderíamos chamar uma “rede metodológica”, que amplie a capacidade de uma só metodologia ao dar-lhe o apoio de outra ou de outras.

E o aspecto que desejamos enfatizar finalmente, ou talvez reiterar: a prática é a que ensina, e o mais desejável é o contínuo em que a aprendizagem desemboca na prática que leva à aprendizagem, estabelecendo uma espiral tão larga como a vida científica. Em outras palavras: a produção de conhecimento se consegue mediante a maravilhosa síntese que leva da prática à teoria, em um contínuo inacabável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUDGE, Eduardo Contreras. **Las opciones metodologicas**. Quito, maio/junho de 1983, mimeo.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo, Atlas, 1981.
- FESTINGER, L. e KATZ, D. **Los métodos de investigación en ciencias sociales**. Buenos Aires, Paidós, 1972.
- VERA, Asti. **Metodologia da Pesquisa científica**. Porto Alegre, Globo, 1973.
- NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.